EPITÁFIOS LATINOS (EM VERSO E PROSA) NO TÚMULO DE D. AFONSO HENRIQUES, EM COIMBRA

*José Geraldes Freire**

«Sem se saber Latim não se pode andar na rua!» — assim, hiperbolicamente, concluí três experiências lectivas de recolha de inscrições latinas que, a cada passo, podemos encontrar em lugares públicos, em monumentos, em conventos, obras de arte, divisas de brasões, enfim, por todo o lado.

A primeira recolha surgiu em Castelo Branco, a partir de uma conferência incentivadora da escolha do Latim, para os alunos do 8.º e 9.º anos do ensino unificado, em que participaram todos os alunos da área humanística do Liceu de Nuno Álvares. Mercê da acção persistente do professor, o já falecido P. Dr. João Gabriel Monteiro, naquele primeiro semestre de 1991 foram recolhidas mais de 100 inscrições latinas dispersas por Castelo Branco.

Em 1992 fiz semelhante proposta nas aulas de Latim III, como «motivação» inicial, para mostrar aos alunos que o Latim «faz falta» e se pode topar em qualquer recanto da cidade de Coimbra.

Em 1993 levei a pesquisa mais longe e procurei que cada um dos alunos buscasse nas suas terras de origem sinais da presença do Latim. Foi

*Professor da Faculdade de Letras de Coimbra.

CLASSICA **20, Lisboa, 1994, pp. 255-264**

assim possível reunir muitas dezenas de inscrições latinas — e até outras em português — algumas delas de difícil leitura e interpretação.

«Quem não sabe Latim não pode andar na rua!» — é afinal o comentário que cada um de nós pode fazer quando vemos os turistas a fixar fachadas de monumentos e obras de arte, procurando ler e compreender o que lá se encontra escrito. Por vezes, ouvimos as mais estranhas e originais interpretações! Já não é agora o ditado medieval: *Graecum est, non legitur!* Cada vez se poderá dizer mais, ante embasbacados visitantes: *Latinum est non legitur!*

O túmulo de D. Afonso Henriques

Entre os locais mais visitados em Coimbra encontram-se a Igreja de Santa Cruz, a Universidade e o Convento de Santa Clara. As grandes atracções do antigo mosteiro de Santa Cruz são, entre outras, os túmulos de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I — os primeiros reis de Portugal —, o chamado Claustro do Silêncio e o púlpito, este da autoria de Nicolau Chanterenne (1523).

O actual túmulo de D. Afonso Henriques impõe-se pela sua monumentalidade e pela riqueza das suas figuras escultóricas, inclusive pela estátua jacente do Rei-Fundador, em tamanho natural.

Na pedra de frente da arca tumular vê-se uma inscrição em caracteres góticos tardios (ou melhor «neogóticos tardios», pois os que hoje lá estão são de feitura moderna). Poucas pessoas tentam ler o epitáfio; e os que experimentam desistem quase sempre, logo à primeira tentativa...

Mas, antes do monumental sepulcro actual, durante a Idade Média, D. Afonso Henriques esteve «em sepultura humilde e rasa com a parede»; e na parede foram gravados os versos do primeiro epitáfio.

O epitáfio medieval em dísticos elegíacos

A mais antiga informação, com a transcrição latina, do primitivo epitáfio de D. Afonso Henriques encontra-se em Frei António Brandão, tanto na *Crónica de D. Afonso Henriques*, como no III volume da *Monarquia Lusitana* (1632). Depois, D. Frei Timóteo dos Mártires, cronista dos cónegos regrantes de Santo Agostinho (1650), Borges de Figueiredo (1886) e outros transcrevem o mesmo epigrama, com a respec-

tiva tradução, sempre a mesma que Fr. António Brandão nos apresenta. O texto divulgado é o seguinte.

Alter Alexander iacet hic, aut Iulius alter
Belliger inuictus, splendidus orbis honor.
Pacis et armorum cauto moderamine doctus
Alternare uices tempora tuta dedit.
Quid pietas Chr**isti** uel quantum debeat **isti**
Ad fidei cultum Regna subacta docent.
Post Regni f**astus** † fidei moderamine **pastus**
In miseros **in**o**pes** accumulauit **opes**.
Quod Crucis hic **tut**or fuerit necnon Cruce **tut**us
Ipsius **clype**o Crux **clype**ata docet.
Viuax Fama, licet tibi tempora longa reserues,
Digna suis meritis dicere nemo potest.

7 *dulcedine* pro *moderamine* scribit Borges de Figueiredo

E a tradução que já vem na *Crónica de D. Afonso Henriques*, escrita por Brandão (edição de A. de Magalhães Basto, Lisboa, 1945, p. 325--326) é:

> «Aqui jaz enterrado outro Alexandre ou Júlio César, guerreiro invencível, honra e lustre do mundo.
> Segurou os tempos do seu reinado com a maravilhosa variedade e alternação de paz e guerra.
> Os reinos que reduziu a poder da Igreja estão mostrando o muito que mereceu à religião cristã e fé de nosso Salvador.
> Depois de fazer os gastos que convinham à majestade de seu real estado, entesourou para os pobres e miseráveis, levado a isso com a *suavidade* da lei evangélica.
> Bem mostra que foi defensor da Cruz de Cristo e defendido por ela o seu escudo real, em o qual se vê a mesma cruz repartida em escudos menores.
> Ainda que a fama costumada a perpetuar acrescente tempos mais dilatados, ninguém haverá que possa dar louvores iguais a seus merecimentos».

Comentário — Dum modo geral, gostamos da tradução de Frei António Brandão. Em breve comentário, chamamos apenas a atenção para dois pontos:

verso 11: *Viuax fama licet tibi reserues* não pode ser traduzido considerando *uiuax fama* como sujeito. Se o fosse, o verbo estaria na terceira pessoa do singular, *reseruet*. Como está na segunda pessoa, *uiuax fama* tem de ser interpretado como um vocativo: *Ó fama de vida duradoura, ainda que tu alcances para ti tempos prolongados...*

verso 7: Mais delicada é a discussão do problema textual levantado por este verso. O conjunto *fidei moderamine pastus* encontra-se nas duas edições das obras de Frei António Brandão e também em D. Timóteo dos Mártires (edição *princeps*, Coimbra, 1955, t.I, p. 58 e p. 86-87). Porém, a tradução que ambos dão para este passo não traz um significado satisfatório para *moderamine*: *a suavidade* da lei evangélica.

A questão é levantada pelo texto fornecido pelo cónego da Sé de Coimbra, A.C. Borges de Figueiredo, que diz copiar este epitáfio de D. Timóteo dos Mártires, cuja *Crónica de Santa Cruz* então (1886) ainda estava inédita e da qual transcreve o v.7 do seguinte modo:

> Post Regni fastus *fidei dulcedine pastus*.

Com *dulcedine* no segundo hemistíquio do «pentâmetro» já é perfeitamente aceitável a tradução antiga por *suavidade*.

Sendo assim, pensamos que o verso autêntico é como o transcreve Borges de Figueiredo. Sobre este texto foi feita a tradução apresentada por A. Brandão e Timóteo dos Mártires; mas, ao passar o original latino para o seu primeiro estudo, a *Crónica de D. Afonso Henriques*, Fr. António Brandão (ou o seu copista, ou um tipógrafo) cometeu o erro de escrever de novo a palavra *moderamine*, que se encontra, também em penúltimo lugar, no segundo hemistíquio do verso 3. *Cauto moderamine doctus* tem sentido: *ensinado, com prudente moderação, a alternar a sucessão dos tempos de paz e de guerra*. Em contrapartida, no verso 7, *fidei moderamine pastus* teria de ser também traduzido por: *alimentado com a moderação da fé*... Não se trata de moderar qualquer excesso de religião! Como muito bem diz a tradução transmitida por todos, trata-se antes de: *alimentado com a doçura da religião*. Consequentemente, o verso 7 deve ser emendado; e o dístico deve ser lido assim:

> 7 Post Regni fastus fidei dulcedine pastus
> In miseros inopes accumulauit opes.
>
> Depois das honras do Reino, alimentado pela doçura da fé,
> Acumulou bens para os miseráveis pobres.

Métrica — Estes 6 dísticos elegíacos apresentam o ritmo convencional, na métrica clássica, para este tipo de versos. Há, no entanto, duas particularidades a assinalar, que não podem ser fruto de acaso.

1 — Os versos 5, 7 e 8 apresentam rima entre o final do primeiro hemistíquio e o final do segundo do mesmo verso. A métrica que obedece à conjugação destes dois aspectos: quantidade e rima, recebe o nome de métrica leoniana ou leonina. O seu nome provém do facto de este género métrico ter sido divulgado por Leónio de S. Vitor, no século XII. Mas a rima dentro do mesmo verso, e de versos entre si, é uma experiência mais antiga na métrica medieval. São evidentes as rimas: *Christi/isti*(5); *fastus/pastus*(7); e *inopes/opes*(8).

2 — Os versos 9 e 10 apresentam um outro artifício, este de carácter estilístico: o uso da «figura etimológica» dentro do mesmo verso. Em *tutor/tutus*(9) cai em final de hemistíquios; em *clypeo/clypeata*(10) a repetição da etimologia fica ainda mais próxima.

O Epitáfio em Prosa

Segundo *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz*, escrita por «Frai Hieronimo Roman, de la Ordem de San Augustín y su Coronista», impressa pela primeira vez por Vergílio Correia (Coimbra, 1930), junto ao primitivo sepulcro de D. Afonso Henriques estava alçada uma tábua onde se lia um longo epitáfio em prosa, o qual principiava por estas palavras, segundo o original castelhano:

> Aqui jace sepultado el muy poderoso y muy excelente príncipe Don Alfonso Henriques 1.° Rey de Portugal, el qual de parte de su padre Don Henrique, conde de Astorga, deciende por linea derecha de los reyes de Aragon, y de parte de su madre de los reyes de Castilla.

Se um antigo epitáfio em prosa esteve no local, foi substituído por outro gravado na face lateral da arca tumular, inaugurada oficialmente por D. Manuel a 16 de Julho de 1520.

O novo epitáfio em prosa latina, mandado gravar por D. Manuel I, encontra-se também transcrito por Frei António Brandão na *Crónica de D. Afonso Henriques* e na *Monarquia Lusitana* (III vol.), por D. Timóteo dos Mártires na *Crónica de Santa Cruz* (tomo I, p. 84-85, da edição de Coimbra, Biblioteca Municipal, 1955), por A.C. Borges de Figueiredo,

em *Coimbra Antiga e Moderna* (editada em Lisboa, 1886, p. 58) e ainda por outros.

Damos aqui o texto rigoroso desse epitáfio quinhentista, o qual já não é exactamente igual ao que hoje se encontra na mesma pedra do túmulo.

Vão a **negro** as palavras que foram reelaboradas; e a *itálico* as expressões (duas delas longas) que foram completamente suprimidas da inscrição actual.

> Alphonso **Henrico I Portugaliae** Regi, regio sanguine, religione et armis clarissimo, qui *imperatore Alphonso Castellae rege pro patria, ac uiginti* potentissimis Maurorum regibus cum maximis copiis, parua manu sed fide animoque ingenti, diuersis proeliis pro christiani nominis augmento, *iusta acie*, superatis: Olysiponem Sanctarenam Eboram aliaque quatuordecim munitissima oppida *et uniuersam fere Lusitaniam* ab infidelium manu recuperans Christi peculio adiecit. Hoc et Alcobatiae pluraque alia caenobia extruxit ditauitque: *nec Regno solum posterisque insignia Christum qui ei apparuit crucifixum referentia, sed cunctis etiam maximum exemplum reliquit. Cuius uirtus suis contenta factis caetera exequi non patitur.* De Fide, de Patria, de Regno, de suis benemeren**ti**, **pientissimi** haeredes hoc sepulchrum posuere. Obiit anno Domini CIↃCLXXXV, Regni sui **LXXIII** et aetatis XCI VI die Decembris. R.I.P.

A tradução foi feita por Frei António Brandão e retomada por D. Timóteo dos Mártires. Não queremos fazer-lhe quaisquer comentários. É a seguinte:

> Ao primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, claríssimo pelo sangue real, religião e armas, o qual, vencidos em várias batalhas o imperador D. Afonso, rei de Castela, em defensão do reino, e vinte reis mouros poderosíssimos, acompanhados de grandes exércitos, em aumento da cristandade e não tendo ele da sua parte mais que poucos soldados e a pureza da fé e grandeza de ânimo de que era dotado, livrou da servidão dos mouros e restituiu à Igreja de Cristo, Lisboa, Santarém, Évora e outras catorze povoações fortíssimas. Fundou e dotou liberalmente este mosteiro e o de Alcobaça e outros muitos. Não só deixou ao reino e a seus descendentes as armas em que se representam as chagas de Cristo, o qual lhe apareceu, mas um exemplo maravilhoso, cuja virtude com suas obras se iguala e não dá lugar a se passar adiante em seus louvores. A este ínclito príncipe, tão benemérito da república cristã, de sua pátria, reino e de seus vassalos mandaram seus piedosos herdeiros levantar este sepulcro. Faleceu no ano do Senhor

de 1185, tendo setenta e três de seu reinado e de idade noventa e um, no sexto dia do mês de Dezembro.

Reelaboração do epitáfio pelo Dr. António de Vasconcelos

Poucas pessoas terão alguma vez notado que a inscrição actual do túmulo de D. Afonso Henriques não é exactamente igual à que ali foi insculpida em 1520. De facto, no texto actual não só foi acertada a sua idade, mas, na própria redacção foram suprimidas 40 palavras, substituídas por expressões equivalentes 10 palavras e introduzidas 7 de novo.

Foi o P. Doutor António Nogueira Gonçalves, especialista em História da Arte, quem chamou a nossa atenção para o facto de o epitáfio ter sido retocado. Disse-nos ele que, quando se preparavam as comemorações dos Centenários da Independência e Restauração de Portugal, celebradas em 1940, se fizeram obras de restauro na igreja de Santa Cruz de Coimbra e que foi então que foi alterada a inscrição. Em sua opinião, foi aí por 1935.

De facto, já há muito se tinha notado que a idade e o tempo de reinado de D. Afonso Henriques estavam errados na inscrição de 1520. O monge que a redigiu fiou-se na Crónica de Duarte Galvão, a qual atribui ao Rei 91 anos de vida e 73 de reinado. Ora a investigação histórica apurou que D. Afonso Henriques viveu apenas 75 anos e reinou 58, contados a partir da vitória de S. Mamede, em 1128.

Aproveitando as obras de restauro, o professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Doutor António de Vasconcelos, pediu licença para repor a verdade. As alterações introduzidas foram, porém, muito mais longe: foram incluídos o nome do Conde D. Henrique e o do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; foram suprimidas as referências às vitórias sobre Afonso VII de Leão e Castela, à conquista de quase todo o território português e ao aparecimento de Cristo na batalha de Ourique; e foram feitas ainda outras pequenas alterações.

O novo arranjo literário e histórico é do Doutor António de Vasconcelos. Para o executar na pedra chamou quem com ele já tinha colaborado no restauro da Sé Velha, o artista-canteiro Sr. Manuel de Jesus Cardoso. Este teve de picar toda a inscrição quinhentista, rebaixar toda a superfície do campo epigráfico, alisar a lápide e finalmente desenhar, cortar em profundidade e pintar as letras e números do novo epitáfio.

A primeira publicação que conhecemos do texto actual da inscrição tumular de D. Afonso Henriques encontra-se no livro do P. Dr. José Bento Vieira, actual pároco de Santa Cruz, intitulado *Santa Cruz de Coimbra. História e Arte* (Coimbra, 1991, p. 22). Incompreensivelmente, a idade e anos de reinado do Monarca (o erro principal) ficaram como estavam no epitáfio quinhentista! Prestando agora cuidadosa atenção à redacção actual do epitáfio, temos o seguinte texto.

Vão a **negro** as palavras que foram alteradas; e a *itálico* as que foram acrescentadas. Para se verificarem as palavras suprimidas terão que examinar-se os itálicos da inscrição de 1520, publicada no parágrafo anterior. Eis, pois, o epitáfio reelaborado:

> Alphonso, *Henrici comitis filio*, **Portugalensium primo** Regi, regio sanguine, religione et armis clarissimo qui potentissimis maurorum regibus cum maximis copiis parua manu sed fide animoque ingenti diuersis proeliis pro christiani nominis augmento superatis, Olysiponem Sanctarenam Eboram aliaque XIV munitissima oppida ab infidelium manu recuperans Christi peculio adiecit. Hoc *sanctae Crucis Colimbriense necnon illud sanctae Mariae* **Alcobatiense** pluraque alia caenobia exstruxit ditauitque. De Fide, de Patria, de Regno, de suis bene meren**tissimo, pii** haeredes hoc sepulchrum posuere. Obiit **VIII ID. Decemb**. anno Dni. MCLXXXV. Regni sui **LVIII** et aetatis **LXXV**.
>
> R. I. P.

O comentário genérico a este epitáfio, que não é novo, mas está bastante alterado, em relação ao original, não necessita de ser longo.

A tradução encontra-se quase por completo nas obras de Frei António Brandão. Apenas assinalamos quatro pontos:

No princípio: *A Afonso, filho do conde Henrique, primeiro Rei dos Portugueses...* Como dissemos atrás, foi introduzida a filiação. O texto será ambíguo para quem não souber (e haverá turistas — e não só... — que o não sabem) que o primeiro rei de Portugal foi D. Afonso e não o Conde D. Henrique!

A meio, a menção explícita de Santa Cruz, a par de Alcobaça: — *Construiu este mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e também o de Santa Maria de Alcobaça e muitos outros...*

No fim, dois retoques na latinidade: ... *a ele que muitíssimo bem mereceu dos seus, os piedosos herdeiros...*

O dia do mês foi colocado no princípio da data e foi passado para a numeração do calendário Romano; o milésimo deixou a grafia antiga CIↃ pela moderna M; e finalmente os anos de idade e de reinado foram corrigidos. Foi esta a razão principal para se «mexer» no epitáfio!

O grande problema que se põe é este: seria legítimo alterar o texto quinhentista? Admitindo mesmo que a correcção da data era legítima (a verdade histórica tem as suas exigências), serão de louvar as supressões de texto e as inovações? Duvidamos da concordância geral!... Por não concordar com a alteração, A. Nogueira Gonçalves não incluiu o epitáfio real no I volume do seu *Inventário Artístico do Distrito de Coimbra: — A Cidade de Coimbra.*

Concluímos que o epitáfio, no seu estado actual, não está falsificado, mas foi reelaborado para o fazer corresponder melhor à História. Na reelaboração foi-se, certamente, longe demais. Tal como está é, no entanto, um belo documento histórico e epigráfico — reescrito e reinsculpido por 1935.

Conclusão

Deixamos aqui o primitivo epitáfio latino, em verso, em honra de D. Afonso Henriques. Discutimos, pela primeira vez, a genuinidade do texto do seu verso 7, até agora geralmente transcrito com um erro de cópia.

Estudando o epitáfio em prosa, escrito para a lápide do monumento erguido em 1520, chegámos à conclusão de que a primitiva redacção foi em parte alterada pelo Doutor António de Vasconcelos. O texto actual é menor e historicamente mais verdadeiro.

Oxalá os visitantes se debrucem sobre aquelas letras neogóticas e se treinem na leitura e compreensão do Latim. Sim, porque fica sem compreender muito do que vê quem sai à rua sem saber Latim!

Bibliografia

Frei António Brandão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, Edição de A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização, 1945.

Frei António Brandão, *Monarchia Lusitana*, Terceira Parte, Lisboa, 1632. Reedição INCM, Lisboa, 1973, cap. 38, ff. 266-267.

D. Fr. Timóteo dos Mártires, *Crónica de Santa Cruz*, tomo I, Coimbra, Biblioteca Municipal, 1955.

A. C. Borges de Figueiredo, *Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1886.

Vergílio Correia, *Uma descrição quinhentista do mosteiro de Santa Cruz*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930. O texto editado é da autoria do castelhano Fray Hierónimo Roman.

Vergílio Correia e A. Nogueira Gonçalves, Academia Nacional das Belas Artes. *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*, II vol., Lisboa, 1947. Nogueira Gonçalves escreveu, com muita discrição: «Têm os frontais tumulares, gravados em gótico, letreiros que se não copiam porque são a reprodução dos que até há pouco ali estavam pintados e que foram corrigidos literária e historicamente, há alguns anos, por pessoa de competência» (p. 44).

António de Vasconcelos, *A Sé-Velha de Coimbra*, 2 vols., reedição do Arquivo da Universidade, Coimbra, 1993. As referências ao artista-canteiro Manuel de Jesus Cardoso encontram-se no II vol. p. 15 e 45.

Pedro Dias, *A arquitectura de Coimbra na transição do gótico para a renascença. 1490-1540*. Epartur, Coimbra, 1982. Sobre os túmulos dos reis, cf. p. 141-145. A inscrição latina transcrita (p. 142--143) é a do tempo de D. Manuel, e não a actual.

José Bento Vieira, *Santa Cruz de Coimbra. Arte e História*. Edição da paróquia de Santa Cruz, Coimbra, 1991.

Augusto Nunes Pereira escreveu 35 artigos sob o título de *Mosaico Histórico sobre Os túmulos reais de Santa Cruz de Coimbra*, no jornal interparoquial de Coimbra, *O Sinal*, desde o n.º 27 (Set.-Out. 1986) a n.º 63 (Maio 1990). A descrição, acompanhada de gravuras desenhadas à pena pelo autor-artista, ocupa-se especialmente dos aspectos artísticos.